

Memória, Experiência e Ritual como eixos principais para a cartografia da Atriz-Poeta-Cantora nas voltas do mapa-labirinto

Daniele Cristina Oliveira (Danielle Rosa) ⁱ

Universidade Estadual Paulista - UNESP, São Paulo/SP, Brasil ⁱⁱ

Resumo - Memória, Experiência e Ritual como eixos principais para a cartografia da Atriz-Poeta-Cantora nas voltas do mapa-labirinto

Eis aqui não o princípio, mas um trecho dos meandros de minha cartografia. Falar a partir da Memória, Experiência e Ritual me tocam profundamente, pois minha prática artística sempre esteve conectada com estes eixos que me fizeram chegar até aqui. Este texto faz parte dos meus estudos e de minha escrita na pesquisa de Mestrado em Artes pela Unesp com orientação da Prof.^a Dr.^a Lucila Tragtemberg. Como investigar a voz da Atriz-Poeta-Cantora sem mergulhar nas águas profundas dos rios de dentro da minha trajetória? Mapear também é relatar. Meus guias e amuletos são: Abebé de Oxum, Fio de Ariadne e minhas cartas-poema. Mergulhe nesta escrita e busque seus guias e amuletos de viagem.

Palavras-chave: Cartografia. Atriz-Poeta-Cantora. Experiência.

Abstract - Memory, Ritual e Experience as main axes for the cartography of the Actress-Poet-Singer in the laps of the maze-map

This is not the beginning, but an excerpt from the intricacies of my cartography. Talking about Memory, Experience and Ritual touches me deeply, as my artistic practice has always been connected with these axes that have brought me this far. This text is part of my studies and my writing in the Master of Arts research at Unesp with guidance from Prof. Dr. Lucilla Tragtemberg. How to investigate the voice of the Actress-Poet-Singer without diving into the deep waters of rivers from within my trajectory? Mapping is also reporting. My guides and amulets are: Abebé de Oxum, Fio de Ariadne and my poem-cards. Immerse yourself in this writing and seek out your travel guides and amulets.

Keywords: Cartography. Actress-Poet-Singer. Experience.

Resumen - Memoria, Experiencia e Ritual como ejes principales para la cartografía de la Actriz-Poeta-Cantante en las vueltas del laberinto-mapa

Este no es el comienzo, sino un extracto de las complejidades de mi cartografía. Hablar de Memoria, Experiencia y Ritual me toca profundamente, ya que mi práctica artística siempre ha estado conectada con estos ejes que me han traído hasta aquí. Este texto es parte de mis estudios y mi escritura en la investigación de la Maestría en Artes en la Unesp con la orientación del Prof. Dr. Lucila Tragtemberg. ¿Cómo investigar la voz de la Actriz-Poeta-Cantante sin sumergirme en las aguas profundas de los ríos desde dentro de mi trayectoria? Mapear también es informar. Mis guías y amuletos son: Abebé de Oxum, Fio de Ariadne y mis poemas-tarjetas. Sumérgete en este escrito y busca sus guías de viaje y amuletos.

Palabras clave: Cartografía. Actriz-Poeta-Cantante. Experiencia.

Se a experiência é o que nos acontece, e se o sujeito da experiência é um território de passagem, então a experiência é uma paixão. Não se pode captar a experiência a partir de uma lógica da ação, a partir de uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito agente, a partir de uma teoria das condições de possibilidade da ação, mas a partir de uma lógica da paixão, uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito passional. E a palavra paixão pode referir-se a várias coisas.

Larrosa

Quando está apaixonado o ser endeuja o objeto amado, seja ele o que for. A paixão movimenta a vida, faz girar a roda do tempo com conteúdos que se conectam e geram frutos ainda mais belos. Este projeto ficou um período guardado nas gavetas de minha cômoda, nas gavetas e pastas de um HD, em meu inconsciente, em meu coração. As palavras anseiam por serem faladas, cantadas, suspiradas, lidas, ouvidas, vistas, tocadas como palavras, imagens e texturas.

É paixão! E esta pulsa, lateja e pede passagem para que voem para outros cantos em liberdade, pois não pertencem somente a mim, sou instrumento de transmissão, transição, transcrição. Elas nascem, me atravessam e se instalam para o mundo. Com uma escrita sensível partindo de experiências em meus processos cênicos, seja de criação de personagens, criação e composição de cartas-poema¹, poemas-canções, criação de rito-espetáculos, seja apresentação dos espetáculos, seja de processos íntimos com a cena nos últimos anos.

Após 22 anos de prática teatral, estudos com a poesia, aulas de canto, a labuta no dia a dia nos encontros do teatro, ensaios, imersões e apresentações, decidi unir as experiências na escrita, dando também ao leitor o que foi tatuado como experiência em meus diários de relatos poéticos.

Realizei experimentos em vídeo, oficina de poesia ritual em Salvador-Ba, São Paulo e Brasília workshops e estudos com poesia cantada e leituras para ter outros olhares de minha própria escrita. Os poemas aparecerão e trazem pistas para percorrer o mapa-labirinto², será um exercício para você leitor descobrir seus próprios caminhos para seguir a sua jornada leitura e acredito que esta experiência seja também uma integração do meu campo artístico e sagrado, numa conexão com o saber ancestral e em respeito aos universos plurais, peço licença à todas que vieram antes de mim para seguir.

¹ As cartas-poema, são frutos de minhas reflexões a partir de ritos, cenas e espetáculos, revelam pistas para percorrer minha escrita.

² Minha cartografia afetiva atual.

Considero a arte e a religião como tendo entre si uma linha tênue de separação, que se realimentam, mas o conhecimento dos contextos ajuda a definir as diferenças. Pressupondo que o mito presentificado nos eventos ritualísticos pode exercer influência na criação artística, essa distinção do contexto artístico e do religioso possibilita ao artista ter a clareza do sentido dos seus gestos no processo analítico e criativo da sua obra de arte. (Santos, 2006, p. 2).

E como falar através da “voz da experiência” e da memória (Gelamo, 2018) sem me lançar e me conectar intimamente com o saber ancestral, sem preparar os meus rituais para iniciar meu processo artístico e o rito de escrita deste mapa-labirinto, pois como diz Daniel Munduruku sobre a poesia do livro O lugar do saber ancestral de Márcia Wayna Kambeba,

“tudo está dentro de nós, somos guardiões da memória de nossos ancestrais”, “o saber ancestral se aloja dentro de cada um para continuar existindo”, “o saber ancestral nada tem a ver com o passado, mas com o tempo que há de vir”, “o ensinamento mais importante que o saber ancestral nos lembra é aquele que diz que somos do presente” (Munduruku. In Kambeba. 2021, p. 8).

É este tempo do presente aqui e agora que nos transforma, gera mudanças e que faz com que as experiências continuem vivas e em transformação constante. Peço licença aqui à guiança e aos meus ancestrais para iniciar este rito pois, é o que acredito e a maneira que me conecto para o processo criativo e artístico e minha pesquisa é parte desse meu rito. Eu mulher, artista, filha, mãe, bruxa, abiã, namorada, companheira, personagem e tantos outros papéis invoco aqui agora toda minha ancestralidade, minha linhagem feminina, minhas matriarcas e invoco aqui minhas personagens que serão também guias nessa jornada.

O aqui agora é o que temos. Onde estamos, o que somos, mas ao mesmo tempo o agora a que me referi logo atrás já passou, e esse aqui é composto de muitas camadas, que existiram há tempos que já passaram, mas continuam existindo e formando a base do que vamos construir nesse mesmo lugar (Coura, 2022, p. 15).

Venham em mim aqui agora:

Água. Dama. Pindorama. Klaxon. Jóinês. X. Noiva. Bruxa. Marisa. Maria Mãe. Nossa Senhora das Vitórias. Benzedeira. Nossa Senhora dos Verdes. Aparadeira. Cocotinha. Charlotte Corday. Lady Anne. Ci. Cascata. Oswaldina. F3. Nossa Senhora. Loba de Roma. Enfermeira sonâmbula. Indígena das bolachas Aymorés. Iracema. Mulher da praia. Vivi. Aviadora. Sereia. Sarita. Liana Duval. Carmem. Nídia. Kitty. Stela. Mamãezona. Cacilda Mãe. Cavalo de São Jorge. Putana. Leonor. Maria Alice. Maxime. Rebeca. Leão. Mulher da

imprensa. Embriaguês. Eurídice. Andrógeno Bi. Rosa. Eduléia. Bacante. Paz. Harmonia. Dona Aída. Judith. Ela. Mulher. Bailante. Cacilda Vermelha, Oxum. E tantas outras...³

Ritual de preparação para adentrar no labirinto da memória a partir da voz da experiência

Faço meu escalda pés com sais de prosperidade e alinhamento dos chakras, três rosas meninas, eucalipto, mirra. Tomo um banho com ervas frescas, utilizo manjerição e alecrim, uma para limpar e a outra para energizar em alegria. Acendo um incenso para Oxum, minha orixá guia. Em voz alta peço a benção. Fico descalça. Pego meu abebé⁴, o fio vermelho para penetrar o labirinto da memória e minhas cartas-poemas. Respiro. Danço. Escuto meu corpo. Me conecto. Abro a boca e deixo meu corpo soar até que minha voz se faça presente emitindo algum som. Escuto. Visto uma roupa esvoaçante. Bebo um copo d'água. Pego uma taça. Abro um vinho. E Embriaguês já se faz presente e me guia no brinde à Dionísio.

*Embriaguês - Com a esquerda mão,
a do coração brindemos aqui no centro do salão,
tocando sinos em carrilhão.
Olhos nos olhos dos arquibancados,
toque bem dado,
num carrilhão de sinos gozados.
A flor do vinho vamos cheirar,
Dionísio vai nos penetrar
Vamos na língua borbulhar
E deixar baixar.*
(O Banquete, versão Teat(r)o Oficina 2015)

Vem comigo.

Contar a própria história é inventar a própria cartografia. Ao invés de ter a história contada por outros, com percursos decalcados, copiados, com palavras já ditas, contar a própria história é uma possibilidade de se enunciar com voz própria, a partir da narrativa da própria experiência (Gelamo, 2018, p. 12).

³ Personagens que me atravessaram nestes 23 anos de prática artística de Teatro.

⁴ Abebé é um leque em forma circular, usado por Oxum. A simbologia de Oxum e o espelho adornado de ouro que Ela carrega torna-se um importante elemento para dissolver energias dissonantes, energias negativas que possam ser lançadas em Sua direção. Refletindo a inveja, o ciúme, o mal em geral, seu espelho põe “às claras” quem é quem, mostrando a realidade a todos (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Oxum>)

Eis-me aqui sentada num dia de sol, abro o computador e retorno ao meu projeto inicial, são tantas perguntas. Leio e faço uma reflexão sobre o título. Seria “Da voz falada à voz cantada - Um estudo sobre poéticas vocais, a partir da poesia para a formação do ator-poeta-cantor” e já me incomodo com o gênero que aqui coloquei, então atualizo o meu título, pois sou sujeito e objeto e nada melhor que trazer ainda mais pra perto o que já é íntimo: “Da voz falada à voz cantada - Um estudo sobre poéticas vocais, a partir da poesia para a formação da atriz-poeta-cantora”. Mergulho na memória para trazer à tona o que preciso para esta a escrita. Após percorrer leituras, ouvir relatos de experiências e retornar à minha própria experiência, observar minha filha bebê, percebo que inicialmente a voz entoava sons que viram cantos e somente depois se transformam em palavras. Na Bahia, minha terra onde cresci e me formei, a gente costuma dizer que quando o bebê começa a soltar sons para se comunicar, é por que está “graiando”⁵ e começando a utilizar sua linguagem, o seu falar, mas essa fala vem com cantos próprios de cada um. Falar através da experiência me conecta com profundas memórias doutros tempos. Todas as manhãs acordo e me recordo de pontos importantes que fazem parte da minha cartografia. O canto da infância vem forte nesse momento e traz a primeira voz que ouvi, a voz da minha primeira cantora e poeta: Mainha. Voz doce, aguda, sempre delicada e falando baixinho, quando eu era crianã, Mainha entoava seus cantos, contava seus causos, fazia poesia com suas memórias do Roçado⁶ e contava histórias de ninar com seu afeto e me proporcionava assim um contato com a arte, pois na época, não tínhamos condições financeiras para que eu pudesse ter iniciação artística, como hoje minha filha já pode ter. Trago aqui uma canção cantava antes de dormir:

*Mãezinha do céu, eu não sei rezar
Eu só sei dizer, que quero te amar
Azul é seu manto, branco é seu véu
Mãezinha eu quero te ver lá no céu.*

- Mainha conta a história da raposa pra mim. Eu pedia. Ela contava. Recordo.

Ela cantava baixinho, em tom agudo, dando pausas para respirar, e contava baixinho, criando vozes das personagens, até que eu dormisse ou ela mesma antes de mim. A voz de

⁵ Quando o bebê começa a gargalhar e balbuciar sonoridades.

⁶ Terra onde Mainha nasceu e cresceu, na profunda mata da Bahia, sertão a dentro, sertão profundo.

Mainha sempre foi meu porto seguro, meu acalanto, meu amor, minha paz, minha luz e hoje resido longe dela, mas a tecnologia pode nos conectar pelo celular e fazer nossa voz viajar em milésimos de segundo para uma alcançar a outra. Ao fazer esse mapeamento de minha memória infância sinto sensações e ouço a voz de Mainha para meu eu criança. Mainha e sua doce voz, sempre me inspirou a criação de minhas obras. Certa vez viajávamos e agora era eu contando pra ela sobre minhas histórias. Então, pedi que ouvisse uma carta poema que criara ali naquele instante, pois seria o começo de uma nova jornada, comecei:

1ª Carta-poema

SAUDADE DE UM SERTÃO

*Dia nublado
Cheiro de mato
Terra vermelha me espelha
Vento forte
Animais da infância
Água de pote*

*Sodade já vem apertando o peito
O amor que fica
O amor que vai e vem
E nessas andanças meu coração saltita nos encontros e despedidas
Idas e vindas de amor em sodade...*

*Mainha ao meu lado
Umbuzeiro no cerrado
Lembrei do carneiro que comi
Do leite de cabra que bebi
Estrada de terra batida
Porteira, cancela na despedida
O céu aqui está mais perto
É certo.*

Início esta viagem e já relato aqui que não começo do começo, mas sim, “pelo meio, entre pulsações”, sem saber onde chegarei. (Barros, Kastrup, 2020). Na pista 3 do livro *Pistas do método da cartografia*, Barros e Kastrup dizem muito bem, “Cartografar é acompanhar processos” que geralmente já se encontram em andamento e como cartógrafa iniciante e aprendiz também me vi nessa situação e estremecei, porém logo percebi que fazia parte desse caminhar cartográfico.

Adentro o mapa-labirinto poeticamente com o fio numa mão, trazendo uma analogia ao mito de Ariadne no labirinto com o minotauro⁷, com o espelho de Oxum na outra mão, pois o espelho não somente revela o que está a sua frente, mas o que está atrás de você, seu passado, sua memória, suas experiências e com minhas cartas-poemas que revelam pistas para percorrer. Estes são meus guias e amuletos nesta jornada. Não quero fazer decalques me baseando em teorias das quais não vivi no meu próprio corpo, por isso, começo sem saber ao certo o que escreverei, mas sei que de acordo com o estudo e a pesquisa, as coisas serão reveladas e descobertas aos poucos. Encontrei em minhas leituras muitos textos que somaram nesse caminhar, um deles traz uma fala que abarca uma primeira pista sobre o porquê da escolha do método cartográfico:

Criar cartografias abertas a todos é dar voz ao outro. Não se busca nesta pesquisa a análise visual, descritiva, ou a leitura das imagens das cartografias realizadas pelos participantes, mas sim cabe observar os modos de atravessamentos por onde essas cartografias operam nas diversas teias que tecem e destecem com a vida. Nessa dimensão, criar uma cartografia afetiva seria construir uma história atribuindo realidades/ficções nessas criações. Assim, tornamo-nos autores e perceptores que trocam sonhos, ilusões, realidades, ficções, mas, principalmente, que buscam uma relação mediante cartografias impulsionadas pelo afeto, ora seu, ora do outro. A arte não é explicada pela vida, é, antes, uma duplicação da vida. Nesse sentido, um mapa afetivo é uma cartografia, por ser vivo, por estar em constante transformação, por ser dinâmico e por conter nele diferentes temporalidades (Pereira, 2014, p. 10).

Nessa cartografia afetiva que acompanha meus processos com poéticas e subjetividades, penso no rizoma que cresce pra todos os lados se ramificando e encontrando diversos caminhos. Quais são os meus caminhos? É assim que me vejo e vejo a pesquisa, como um rizoma que se ramifica e me coloco assim em estado de cartografia para assim descobrir as possibilidades vocais da Atriz-Poeta-Cantora partindo das memórias das minhas experiências artísticas inicialmente, escrevo e mesmo sentindo que as palavras não bastam, acredito que elas podem levar à você leitor as pistas desses caminhos percorridos. Lendo um texto de Larossa encontrei uma citação que fala sobre isso:

las palabras nos parecen insuficientes para decir la experiencia. Como si la experiencia fuera mucho más esquiva, mucho más compleja, mucho más enigmática y mucho más ambigua de lo que las palabras podrían expresar. (Larrosa, 2002, p. 8).

⁷ Ainda estou em busca da origem desse mito, pois sabemos que os gregos tomaram muitas das histórias Africanas e sinto que é dever num processo decolonial trazer elementos históricos a partir de suas reais origens.

Durante o processo de revisão bibliográfica, de mapeamentos onde revisitei e revisito as experiências artísticas principalmente nas criações dos ritos-espetáculos do Teat(r)o Oficina, no Grupo Poesia Cantada com o trabalho “*Pequeno Funeral Cantante: Odes Mínimas para Hilda Hilst*” e nos experimentos com a canção “Saudade” que gerou o trabalho “*Poema, Voz e Canção: Poéticas Vocais no Experimento da Canção Saudade*”, pude perceber que havia mergulhado num “viveiro de crise”⁸ em relação minha própria prática. Após realizar a disciplina Seminários de pesquisa I sob a orientação do Prof. Dr. Alexandre Mate, tive algumas reflexões durante os seminários de História e Memória, este último que foi apresentado por mim, me fez debruçar sobre as questões geradoras da minha pesquisa.

Quais são os caminhos da voz falada para a voz cantada na figura da atriz-poeta-cantora? Quais características da voz da atriz-poeta-cantora? Por que me interessa em pesquisar essa figura?

Quais são as características da voz que estou buscando?

Muitos questionamentos vieram à tona, foi assim que percebi que mesmo me debruçando sobre experiências de outrora, elas continuam em processo fervilhando em meu corpo-voz, não estão finalizadas, olhar novamente para elas, transforma e renova o aprendizado, além de ser um compartilhamento com o leitor. O caminho escolhido para trilhar esta pesquisa foi o método da cartografia, criado por Gilles e Deleuze e Félix Guattari (1995), e este método propõe acompanhar processos e não representar um objeto. O método cartográfico me abriu um campo de reflexão pois,

A pesquisa cartográfica consiste no acompanhamento de processos, e não na representação de objetos. Ao compartilhar aqui o caminho do pesquisar elos na rede, acreditamos que a ação do acompanhar processos será detectada pelo leitor (Barros, Kastrup, 2020, p. 53).

Acredito que numa pesquisa em artes, subjetiva, estamos sempre em processo, descobrindo novos caminhos e é assim que começo esta escrita, compreendendo que ela estará em constante transformação e que possivelmente o fim não será o fim, mas sim, um novo começo.

Minhas perguntas e os porquês de minhas escolhas começam noutra tempo, no passado, na infância quando minha voz era doce e também estridente. Aciono aqui a memória de infância, e me conecto com o texto de Maurice Halbwachs sobre Memória Coletiva e

⁸ Expressão utilizada pelo Professor Alexandre Mate na disciplina Seminários de Pesquisa I na pós-graduação na Unesp.

Memória histórica, que inspira também esta escrita, seu texto me fez mergulhar no mar profundo da memória e como ele mesmo coloca, fatos podem ser marcados historicamente, mas se não me recordo é um grande quadro vazio. Quantas coisas eu vivi das quais não me recordo?

É exatamente por não falar de história apreendida distanciada, mas na história vivida que apoio minha memória, também tendo consciência de que ela se “apoiava e se confundia com as memórias coletivas” (Halbwachs, 1990).

Me baseio em minhas memórias ancestrais para dar corpo à minha memória, aciono cheiros, cores e sabores para buscar as primeiras pistas do meu desejo por esta pesquisa que surge na infância, quando brincava de ser, de faz de conta, quando falava da escolha dos papéis: *Eu quero ser atriz. Eu quero ser cantora. Eu quero ser poeta*. Creio que minha prática tenha nascido aí, sinto que esse momento da infância, que essa memória, estejam interligadas com o hoje num eterno retorno, num *lopping*. É nessa relação com a memória que vou criando a minha identidade dia a dia e me questionando se tais “lembranças são construídas ou simuladas” (Halbwachs, 1990).

Por que sempre gostei tanto de me aproximar de assuntos referente à voz? Por que a atriz-cantora sempre esteve tão presente em meu trabalho artístico? E como cheguei na poeta que adentrou esse espaço por ter nascido nesses meandros e fincado bandeira em mim?

O canto da infância me toca. Narra minha voz e sei o quão necessário é narrar a própria voz, dar voz, ter voz, não se deixar silenciar, não permitir que os espaços institucionais nos cale e lembrando aqui da tese de Renata Gelamo, narrar a voz é contar a própria história e

Contar a própria história é inventar a própria cartografia. Ao invés de ter a história contada por outros, com percursos decalcados, copiados, com palavras já ditas, contar a própria história é uma possibilidade de se enunciar com voz própria, a partir da narrativa da própria experiência (Gelamo, 2018, p. 12).

Percebo a importância de falar de um lugar tão íntimo quanto é a minha própria prática artística, a minha própria experiência, é o que me afeta, me encanta, me faz descobrir um infinito de possibilidades, assim me torno sujeito e objeto.

Se eu não for o sujeito e objeto de minha pesquisa, quem será?

Sem conclusões, sigo cartografando e descobrindo os caminhos do mapa-labirinto.

Este é apenas um dispositivo para continuar minha pesquisa e minha escrita.

Começo!

Referências

- BONDIA, Jorge Larrosa. “Notas sobre experiência e o saber de experiência”. In: *Revista Brasileira de Educação*. n. 19. São Paulo, pp. 20 – 28, jan/fev/mar/abr, 2002.
- COURA, Letícia Barbosa. A(s) música(s) no Teatro Oficina. *Revista Voz e Cena - Brasília*, v. 03, nº 02, julho-dezembro/2022 - pp. 27-52. ISSN: 2675-4584 - Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/vozecena/article/view/45396> - acesso em: 05, Maio, 2023.
- GELAMO, Renata. *Narrar a voz: trajetórias de uma voz-experiência em busca da voz própria*. São Paulo: Programa de Pós Graduação em Artes / UNESP, 2018. Tese. (Doutorado em Artes Cênicas).
- HALBWACHS. Maurice. *A Memória Coletiva*. Traduzido do original francês. LA MÉMOIRE COLLECTIVE (2.^a ed.) Presses Universitaires de France. Paris, França, 1968. 189 páginas
- KAMBEBA, Márcia. *O lugar do saber ancestral*. Série Saberes Tradicionais, v. 1; São Leopoldo: Casa Leiria, 2020
- PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Org.). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2020
- PERERIRA, Juliana Cristina. *Cartografias Afetivas - Proposições do professor-artista-cartógrafo etc*. Santa Catarina: 2014. 25 pág. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/36087> - Acesso em: 02, Maio 2023.
- SANTOS, Inaicyr Falcão dos. *Corpo e Ancestralidade: uma Proposta Pluricultural de dança-arte-educação*. 2.^a. ed. São Paulo: Terceira Margem, 2006.

Relato recebido em 06/05/2023 e aprovado em 01/06/2023.

DOI: <https://doi.org/10.26512/vozcen.v4i01.48494>

Para submeter um manuscrito, acesse <https://periodicos.unb.br/index.php/vozecena/>

ⁱ Daniele Cristina Oliveira (Danielle Rosa) - Atriz-Poeta-Cantora e Professora de Teatro graduada pela Universidade Federal da Bahia nos cursos de Licenciatura em Teatro e Bacharelado em Artes Cênicas, é Pós-Graduada em Canção Popular pela Faculdade Santa Marcelina (SP) e é mestranda em Artes pela Unesp. Iniciou seus estudos em teatro no ano 2000 em Vitória da Conquista. Em 2003, em Salvador-BA iniciou na graduação e juntamente com outros artistas fundou o grupo de Teatro Finos Trapos atuando em seus cinco espetáculos de repertório. Ainda em Salvador atuou no grupo de Teatro Os 50'tões (atual Toca de Teatro), foi aluna especial do Departamento de Pós-Graduação de Música da UFBA. Em março de 2010 em São Paulo, ingressou como aluna especial do Departamento de Pós-Graduação em Artes Cênicas da USP - Universidade de São Paulo. Em 2011 e 2012 fez parte do Núcleo Experimental de Artes Cênicas do Sesi dirigido pela Profa. Dra. Maria Tháís e Profa. Dra. Beth Lopes e também atuou no projeto da Universidade Antropófaga. Danielle Rosa é integrante da Associação Teat(r)o Oficina Uzona desde 2011, onde vem trabalhando em diversos espetáculos de Teatro Musical Brasileiro. Entre eles, as remontagens das peças O Rei da Vela e Roda Viva, ambas dirigidas por Zé Celso em sucessivas temporadas de sucesso na capital paulista, foi integrante do Pequeno Funeral Cantante: Odes Mínimas para Hilda Hilst e é autora do livro Labirintos da Cena. Ministra oficinas e workshops de Estudo da poesia cantada-falada e Automaquiagem é Maquiadora pelo curso de Maquiagem da Fundação das Artes em São Caetano-SP, criadora da web Série Vidas Alheias no Instagram. daniellerosa@teatroficina.com.br.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4956756542476954>
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1882-5548>

ⁱⁱ This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

